

Ato 5

Sobrevivendo à Tempestade (27:21—28:2)

A viagem de Paulo a Roma começou sem incidentes enquanto ele e os colegas de viagem navegavam para o norte, partindo de Cesaréia, ao longo da costa. Quando saíram de Sidom, porém, e tentaram navegar para o oeste, foram atingidos por ventos contrários. Depois de semanas com pouco progresso, foram levados para a ilha de Creta, onde encontraram refúgio temporário em Bons Portos. Quando tentaram navegar para um porto mais apropriado, foram pegos por uma tempestade — uma tempestade que não parecia ter fim.

Um dia mais miserável que o outro, uma noite mais amedrontadora que a outra, subiam e caíam em mares gigantescos. Nuvens espessas e compactas impediam qualquer cálculo: o capitão não tinha idéia da posição do navio... A carga principal de trigo havia ficado carregada de água — os sacos, pesados e encharcados demais para se moverem dentro de um navio agitado e cada vez mais pesado.

O nível da água subiu, o navio baixou mais, até que no décimo primeiro ou décimo segundo dia de tempestade, “dissipou-se toda a esperança”. Afundar seria então inevitável — em questão de alguns dias, no máximo, mesmo se a tempestade diminuísse — e significaria a perda de toda a tripulação se esta abandonasse o navio¹.

Muitos de vocês sabem exatamente como eles se sentiram. Todos ou já estiveram numa tempestade, ou estão numa agora, ou estarão em uma, finalmente: tempestades no lar, tempesta-

des financeiras, tempestades nos negócios. Tempestades rugem dentro de nós quando recebemos do médico um diagnóstico ruim, quando um filho vira as costas para tudo o que cremos, quando somos traídos. Alguns de vocês sabem o que significa perder a esperança.

Quando iniciamos o estudo da viagem de Paulo para Roma, enfatizamos os ventos contrários e a tempestade. Agora, vejamos como Paulo sobreviveu à tempestade — e como você pode sobreviver às tempestades da sua vida. Quando as tempestades da vida atingirem você, saiba que você não está sozinho!

ESPERE TAL POSSIBILIDADE²

Para sobreviver às tempestades da vida, você precisa primeiro estar preparado mentalmente para o fato de que elas virão. Embora Paulo estivesse exatamente onde deveria estar — a caminho de Roma para testemunhar o nome de Jesus —, ventos contrários sopraram. Finalmente, veio a tempestade. A chuva cai sobre os justos e os injustos (Mateus 5:45); as tempestades se arrebatam sobre as cabeças tanto dos bons como dos maus. As tempestades não querem dizer que você foi abandonado por Deus; simplesmente fazem parte da vida — e, às vezes, fazem parte do plano de Deus para tornar você uma pessoa melhor. Se elas o forcarem a ajoelhar-se, então, talvez seja ajoelhado a posição em que você

¹ John Pollock, *The Apostle: A Life of Paul* (“O Apóstolo: Uma Vida de Paulo”). Wheaton, Ill.: Scripture Press Publications, 1985, p. 280. ² Meus cinco pontos principais nesta lição foram adaptados de três sugestões dadas por Jack Graham, num sermão televisivo intitulado “Como Derrotar as Trevas”.

precise estar.

EXPRESSE VERBALMENTE AS PROMESSAS (27:21–26)

Quando Paulo foi forçado a ajoelhar-se pelo desespero, ele se pôs a orar. Naquela noite de desespero, ele recebeu uma promessa de Deus. Retomamos a história na manhã seguinte, quando o apóstolo apressou-se em partilhar essa mensagem de esperança: “Paulo, pondo-se em pé no meio deles, disse: Senhores, na verdade, era preciso terem-me atendido e não partir de Creta, para evitar este dano e perda” (v. 21b). (O propósito de Paulo não era tanto repreendê-los, quanto adverti-los a não cometerem o mesmo erro de novo.) Assim, suas palavras de confiança ecoaram acima dos estrondos da tempestade:

Mas, já agora, vos aconselho bom ânimo, porque nenhuma vida se perderá de entre vós, mas somente o navio. Porque, esta mesma noite, um anjo³ de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo, esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas! É preciso que compareças perante César⁴, e eis que Deus, por sua graça, te deu todos quantos navegam contigo. Portanto, senhores, tende bom ânimo! Pois eu confio em Deus que sucederá do modo por que me foi dito (vv. 22–25).

Paulo parecia ter orado não só pela sua própria segurança, mas também pela segurança de todos a bordo — e Deus atendeu sua oração⁵. Quando você estiver no meio de uma tempestade, lembre-se de que você não é o único judiado pela vida (1 Coríntios 10:13a). Ore pelos outros assim como por você mesmo (Tiago 5:16); nada pode afundar um homem mais rápido do que o egocentrismo.

A promessa de Deus continha boas e más notícias: a vida deles seria preservada, mas o navio não. Paulo acrescentou: “Porém é necessário que vamos dar a uma ilha” (v. 26). Deus prometeu que eles seriam salvos, mas isso não significava que seria fácil. Tempos difíceis viriam — mas a promessa de Deus os sustentaria.

Deus também tem uma mensagem de espe-

rança para nós. Você e eu não recebemos uma visita como aconteceu a Paulo, mas temos “as preciosas e mui grandes promessas” de Deus (2 Pedro 1:4; veja também Hebreus 8:6) — e a mensagem continua sendo a mesma: “tem bom ânimo” (Salmos 27:14; João 16:33)! O problema não é que o Senhor tenha nos deixado sem segurança⁶; mas, sim, que muitas vezes falta-nos a fé de Paulo, o qual disse: “Pois eu confio em Deus que sucederá *do modo por que me foi dito*” (Atos 27:25b; grifo meu; veja também João 20:27).

Para sobrevivermos às tempestades da vida, precisamos expressar verbalmente as promessas de Deus. Primeiro, precisamos declarar tais promessas para nós mesmos, vez após vez, para inculcá-las em nossa mente e coração. Podemos até escrevê-las e fixá-las num local que possamos ver todos os dias. Depois, assim como Paulo, precisamos partilhar essas promessas com outros.

Se expressarmos verbalmente as promessas, será que nossos problemas desaparecerão como um sopro de fumaça? Provavelmente não. Quando Paulo declarou a mensagem de esperança de Deus, isso não acalmou o mar. As nuvens não se dissiparam para que os marinheiros se orientassem. Nada mudou externamente; a tempestade continuou a vociferar. A mudança foi *interna* — uma mudança de atitude. Certamente, essa mudança fez toda a diferença do mundo para Paulo e para os demais que creram. Quando você e eu depositarmos nossa confiança nas promessas do Senhor durante as tempestades da vida, raramente haverá uma mudança externa; as circunstâncias devem continuar sendo as mesmas. A diferença real ocorre por dentro: passamos a conhecer “a paz de Deus, que excede todo o entendimento” (Filipenses 4:7a)!

MOSTRE A PRESENÇA DE DEUS (27:27–37)

O anjo dissera a Paulo que o navio iria “dar a uma ilha” (v. 26). Essa “uma ilha” era Malta (28:1), uns 800 quilômetros a oeste de onde a tempestade os atacou primeiramente. Veja o

³ Geralmente, o próprio Senhor aparecia a Paulo. Talvez tenha sido mandado um anjo no lugar de Jesus porque os colegas pagãos de Paulo estariam mais propensos a crer “no que um anjo disse” do que “no que Jesus disse”. A mensagem de esperança, porém, foi basicamente a mesma (veja 18:9, 10; 23:11). ⁴ Essa mensagem adicionava uma nova observação à promessa anterior de Jesus: Jesus dissera que Paulo iria com certeza para Roma (23:11); o anjo disse que em Roma Paulo ficaria com certeza perante César. ⁵ Deus não “deu” a Paulo todos os que estavam a bordo no sentido de se tornarem cristãos, mas no sentido de que suas vidas seriam poupadas. F.F. Bruce comentou: “A sociedade humana não faz idéia do quanto ela deve, pela misericórdia de Deus, à presença de homens e mulheres justos” (*The Book of Acts* [“O Livro de Atos”], *The New International Commentary on the New Testament*, ed. rev. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1988, p. 488). Para mais exemplos de como a ajuda dos piedosos preserva os impiedosos, veja Gênesis 18:26–32; 30:27; 39:5. ⁶ Veja Salmos 34:18; 145:18; Isaías 41:10; 43:1–5; Romanos 8:38, 39.

mapa na lição “Viagem pelo Mar da Vida”; Malta é um pontinho no Mediterrâneo. Enquanto era levado para lá e para cá, como foi possível o navio se juntar a essa minúscula porção de terra? Deus era o navegador. Ele estava usando o mesmo vento que ameaçava destruir o navio e seus passageiros para guiá-los àquele destino (Romanos 8:28). Deus não abandona os Seus; Ele continua operando na vida de cada um.

“Quando chegou a décima quarta noite, sendo nós batidos de um lado para outro no mar Adriático⁷, por volta da meia-noite, pressentiram os marinheiros que se aproximavam de alguma terra” (v. 27). Talvez pudessem ouvir o som das ondas arrebatando numa praia. “E, lançando o prumo⁸, acharam vinte braças [40 metros]; passando um pouco mais adiante, tornando a lançar o prumo, acharam quinze braças [30 metros]” (v. 28). Aqui estavam mais notícias boas e más: a boa notícia era que estavam se aproximando da terra; a má notícia era o perigo escondido na escuridão. “E, receosos de que fôssemos atirados contra lugares rochosos, lançaram da popa quatro âncoras⁹” (v. 29a). Normalmente, os navios se ancoravam da proa (a parte da frente do navio), e não da popa (a de trás). Mas, como o vento soprava em direção à terra, ancoraram o navio onde a tempestade os mantivesse de frente para a costa.

Tendo feito de tudo para proteger o navio, eles “oravam para que rompesse o dia” (v. 29b). Talvez você também já tenha tido noites em que pressentiu o perigo da escuridão, em que parecia que Deus estava longe, e que a noite não tinha fim.

Em algum momento da noite, a tensão tomou conta dos marinheiros amedrontados. Esqueceram-se do código de honra de permanecer no navio; esqueceram-se de todos, menos de si mesmos. “A pretexto de que estavam para largar

âncoras da proa”, eles “[arriaram] o bote no mar” (v. 30c, d), com a intenção de remar até a praia — um plano de desespero, quase fadado ao fracasso na escuridão tempestuosa.

Paulo, que estava no convés, tinha experiência suficiente com navios e tempestades para não ser levado pela atitude enigmática dos marinheiros. Ancorar o navio da proa quando ele já estava ancorado da popa era desnecessário e poderia até danificar a embarcação. Por isso, “procurando os marinheiros fugir do navio”, (v. 30) “disse Paulo ao centurião e aos soldados: Se estes não permanecerem a bordo, vós não podereis salvar-vos” (v. 31). Sem os marinheiros para navegarem na manhã seguinte, tinham pouca esperança de sobreviver¹⁰. Rapidamente, os soldados “cortaram os cabos do bote e o deixaram afastar-se” (v. 32), eliminando efetivamente mais tentativas de deserção¹¹.

Com o passar da noite, a confiança de todos a bordo dissipou-se; se os experientes marinheiros estavam amedrontados, não estariam os outros aterrorizados? Pouco antes do nascer do sol, Paulo assumiu o comando novamente, iniciando um programa trifásico para levantar os ânimos:

A fase um era fortalecer seus corpos — pois o que afeta o corpo, invariavelmente afeta o espírito¹²: ele encorajou todos a comerem, dizendo: “Hoje, é o décimo quarto dia em que, esperando, estais sem comer, nada tendo provado¹³. Eu vos rogo que comais alguma coisa; porque disto depende a vossa segurança” (vv. 33b, 34a). Em outras palavras: “Precisam estar fortes para sobreviverem”.

A fase dois era fortalecer seus espíritos — pois o que afeta o espírito, invariavelmente, afeta o corpo: novamente ele pronunciou a promessa de Deus, assegurando-lhes que “nenhum de vós perderá nem mesmo um fio de cabelo”¹⁴ (v. 34b).

⁷Não confunda isso com o Mar Adriático entre a Grécia e a Itália. Segundo escritores antigos, “Mar Adriático” era uma das designações da porção centro-leste do Mediterrâneo. ⁸O prumo era medido com cordas com pesos que tinham nós a cada braça (uns 2 metros). ⁹Provavelmente usaram a maioria das âncoras a bordo para evitar uma colisão com as rochas. ¹⁰Outras condições podem ter tornado necessário que permanecessem a bordo. Talvez a promessa de Deus de que “nenhuma vida se perderia” (v. 22) pressupunha que todos devessem ficar juntos. ¹¹No dia seguinte, certamente desejaram ter o bote para chegarem à praia, mas a atitude drástica serviu para algum propósito na ocasião. ¹²Este pode ser um bom momento para expandir a idéia de fortalecer o corpo. Pela minha experiência, pessoas que estão experimentando sérias revoluções emocionais muitas vezes têm problemas físicos que contribuem para piorar suas condições emocionais. ¹³Provavelmente comeram um pouquinho de vez em quando, mas nenhuma refeição regular (veja as observações sobre o v. 21 na lição “Viagem pelo Mar da Vida”). As palavras de Paulo deviam ter sido entendidas no mesmo sentido que as de uma mãe que protesta o filho que mal tocou na comida: “Você não comeu nem uma colher!” Sugeriu-se que a tripulação e os passageiros pagãos jejuaram para acalmar seus deuses, mas nada no contexto indica isso. ¹⁴Essa era uma expressão bem conhecida (1 Samuel 14:45; 2 Samuel 14:11; 1 Reis 1:52; Lucas 21:18).

A fase três talvez fosse a mais importante: ele mostrou que *ele* cria na promessa; mostrou que realmente cria que Deus estava com eles. “Tendo dito isto, tomando um pão, deu graças a Deus na presença de todos e, depois de o partir, começou a comer”¹⁵ (v. 35). A calma de Paulo foi tão contagiante quanto o medo que os marinheiros tiveram: “Todos cobraram ânimo e se puseram também a comer” (v. 36). Que visão era aquela: um pequeno missionário dando graças a Deus por um jejum, antes do raiar do dia, preparado para três cristãos e 273 pagãos¹⁶! Assim, ele fortaleceu suas almas — pois o que afeta a alma, invariavelmente, afeta tanto o corpo como o espírito.

Para suportarmos a tempestade, assim como Paulo, precisamos mostrar a presença de Deus em nossas vidas¹⁷. Devemos deixar que outros vejam que cremos nas promessas de Deus — e, não importa o que aconteça, confiamos que não seremos abandonados. Podemos dizer com Paulo: “Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos” (2 Coríntios 4:8, 9).

EXECUTE O PLANO (27:38–44)

Ao considerar a conduta de Paulo durante a tempestade, fico impressionado com sua maneira prática de agir. Deus prometeu que todos a bordo seriam salvos, mas Paulo não creu que isso justificasse inércia de sua parte: quando os ânimos estavam enfraquecidos, ele tentou animar as pessoas a bordo. Quando marinheiros eram necessários para a navegação, ele os advertiu a não saírem do navio. Quando todos a bordo estavam exaustos, ele insistiu para que comessem. Quando enfrentamos tempestades, precisamos executar o plano de Deus — qualquer que seja. Precisamos fazer o que *nos* for possível para sobrevivermos à tempestade.

Depois que os tripulantes comeram, as forças

se revigoraram e a esperança renasceu. Deram início aos preparativos para a alvorada. “Refeitos com a comida, aliviaram o navio, lançando o trigo ao mar” (v. 38). Atiraram ao mar o que havia sobrado da carga (veja o versículo 18), para que o navio subisse mais ao nível do mar e conseguisse se aproximar da costa.

O próximo versículo começa assim: “Quando amanheceu...” (v. 39a). Noites ruins passam. “Quando amanheceu, não reconheceram a terra, mas avistaram uma enseada, onde havia praia¹⁸; então, consultaram entre si se não podiam encalhar ali o navio” (v. 39). A terra estava à vista, mas eles ainda estavam longe da segurança.

Dando continuidade aos preparativos, a tripulação deu mais três passos: 1) levantaram as quatro âncoras e “deixaram-no ir ao mar” (v. 40a) porque não precisariam dele novamente; 2) “largando também as amarras do leme” (v. 40b); navios antigos geralmente tinham dois lemes localizados em cada canto da popa, unidos por um mastro de onde podiam ser manejados por um timoneiro. Durante a tempestade, esses lemes haviam sido levantados da água e amarrados para baixo. Agora, eles estavam soltos para que o navio pudesse ser governado; 3) suspenderam “a vela de proa ao vento” (v. 40c) para ajudá-los a governar e para aproveitarem a tração do vento¹⁹.

Estavam tão prontos quanto ansiosos para chegar, de sorte que se dirigiram “para a praia” (v. 40d). Esperavam aproximar-se da praia, mas “dando... num lugar [um banco de areia ou rochas pouco abaixo da superfície] onde duas correntes se encontravam²⁰, encalharam ali o navio” (v. 41a). “A proa encravou-se e ficou imóvel, mas a popa se abria pela violência do mar” (v. 41b).

À medida que o navio começou a se desintegrar, o pânico tomou conta novamente. Dessa vez, os soldados, não os marinheiros, entraram em pânico. A lei militar ditava que se um preso escapasse, o responsável pela guarda dele rece-

¹⁵Não se tratava da ceia do Senhor, mas de uma refeição comum. ¹⁶Lucas esperou até o v. 37 para mencionar: “Estávamos no navio duzentas e setenta e seis pessoas ao todo”. Talvez alguém tenha feito uma contagem naquele momento para saber quanta comida deveria ser providenciada para o jejum ou para terem certeza de que todos estavam a salvo quando chegassem na costa. ¹⁷Podemos até seguir a insinuação de Paulo e dar graças, em silêncio, quando comemos em lugares públicos! ¹⁸Esta parece ser uma daquelas raras ocasiões em que o lugar segundo a tradição é o local correto. A maioria das autoridades crê que “A Baía de São Paulo” na costa nordeste de Malta seja o ponto da praia a que Paulo e os demais chegaram. ¹⁹“A vela da proa” era uma vela pequena na frente do navio usada tanto para governar quanto para propulsão (diferente da vela grande, que era principalmente para propulsão). (Observe que a ERC, baseada em manuscritos diferentes, dá detalhes levemente diferentes no v. 40, mas as diferenças não são importantes.) ²⁰Dois correntes fortes, fluindo em direções opostas, haviam formado o banco de areia ou rochas sob a água, que os marinheiros não conseguiam ver. Tais condições de fato existem na “Baía de São Paulo” em Malta.

beria o castigo do preso²¹. Uma vez que alguns presos poderiam escapar na confusão e nenhum dos soldados queria virar “comida de leões”²², “o parecer dos soldados era que matassem os presos, para que nenhum deles, nadando, fugisse” (v. 42). Planejavam matar Paulo juntamente com os demais presos.

Quando os soldados olharam para Paulo com a intenção de matá-lo, sua vida novamente estava por um fio — mas o Senhor lhe prometera que ele compareceria perante César. Dessa vez, Deus interveio através de Júlio, o centurião. Evidentemente, o oficial romano não só havia sido instruído para dar um tratamento especial a Paulo, mas também havia ficado impressionado com a conduta de Paulo num momento de crise. Por isso, “o centurião, querendo salvar a Paulo²³, impediu-os de o fazer²⁴” (v. 43a) (Durante as tempestades, o alívio às vezes vêm de fontes inesperadas.)

Júlio rapidamente deu ordens para abandonar o navio. Ele “ordenou que os que soubessem nadar fossem os primeiros a lançar-se ao mar e alcançar a terra²⁵. Quanto aos demais, que se salvassem, uns, em tábuas, e outros, em destroços do navio²⁶” (vv. 43b, 44a).

Você acha que Paulo protestou: “Esperem um pouco! Vocês não querem que eu pule nessa água fria, querem? O Senhor prometeu que eu seria salvo! Ele prometeu que eu chegaria a Roma! Vou esperar aqui mesmo até que o Senhor me resgate”? Desconfio que Paulo foi um dos primeiros a pular na água! Vejo-o lutando contra as ondas, nadando (ou agarrando-se a um pedaço do mastro quebrado), tentando manter a cabeça fora da água, engasgando-se com a água salgada, abrindo caminho em direção à praia, até finalmente deitar-se exausto na praia, esforçando-se para respirar.

Paulo entendeu algo que todos nós precisamos entender: mesmo quando Deus nos promete vitória sobre as tempestades da vida, nós ainda

temos uma batalha pela frente. Deus tem um plano para nossas vidas. Ele nos ajudará a realizá-lo; mas Ele não faz por nós o que podemos fazer por nós mesmos. Se o Seu plano nos convoca a pularmos em águas congeladas e nadarmos para não perder a vida, Ele não quer que digamos: “Mas, Senhor, não posso nadar!” Ele espera que agarremos o salva-vidas da fé e pulemos! Para sobreviver às tempestades da vida, esteja pronto para executar o plano!

EXPERIMENTE A PAZ (27:44—28:2)

Se estamos dispostos a nos submeter à vontade de Deus para nossas vidas, então podemos experimentar a paz que só Ele dá. Quando todos pularam na água e lutaram para chegar até a praia, “todos se salvaram em terra” (27:44b). Quando o último homem encharcado chegou à praia, fizeram uma segunda contagem que resultou em 276 — o número inicial (v. 37) — salvos! Como foram avisados, “nenhuma vida se perdeu”, “nem mesmo um fio de cabelo” (vv. 22, 34; grifo meu)! A coincidência não poderia explicar isso; análises estatísticas indicariam esse resultado como algo impossível. Entretanto, aconteceu. Quando Deus faz uma promessa, você pode arriscar a vida por ela (veja 1 Reis 8:56). Se isso não lhe trouxe paz, nada mais trará!

Quando os sobreviventes do naufrágio tiveram oportunidade de olhar ao redor, souberam que não estavam na Itália: “Uma vez em terra, verificamos que a ilha se chamava Malta” (28:1). Deus, porém, estava velando por eles, de modo que Lucas pôde relatar o seguinte: “Os bárbaros trataram-nos com singular humanidade” (v. 2a). O cristão pode não saber o que a jornada de amanhã trará, mas sabe Quem está viajando com ele. Por isso ele tem “paz em todas as circunstâncias”²⁷.

CONCLUSÃO

Se, atualmente, você está lutando com uma

²¹Veja as observações sobre Atos 12:19 na lição “O Homem Que Pensava Ser Deus” e as observações sobre Atos 16:27 na lição “Vidas Transformadas — Com a Ajuda de Deus”. ²²Veja as observações sobre Atos 27:1 na lição “Viagem pelo Mar da Vida”. ²³Não há indícios de que o centurião estivesse preocupado com qualquer um dos outros presos. Os outros presos é que deviam suas vidas mais uma vez a Paulo. ²⁴Talvez o centurião acidentalmente tenha ouvido o plano dos soldados, detendo-os, ou talvez os soldados tenham pedido permissão para matar os presos e Júlio tenha dito “não”. A última hipótese parece mais provável. ²⁵Sugeriu-se que ele deve ter mandado os soldados que sabiam nadar primeiro, para que eles pudessem pegar os presos à medida que chegassem na praia. ²⁶Paulo, como sobrevivente de três naufrágios, pode ter sugerido essa estratégia. Paulo deve ter sobrevivido “uma noite e um dia... na voragem do mar” (2 Coríntios 11:25) agarrando-se aos destroços do navio que havia afundado. ²⁷Veja 2 Tessalonicenses 3:16; veja também Salmo 29:11; João 14:27; 16:33; Romanos 1:7; 2:10; Colossenses 3:15.

tempestade em sua vida, talvez queira tornar estas palavras do salmista o seu lema: “Por que estás abatida, ó minha alma? Por que te perturbas dentro de mim?” (Salmos 42:5a). “Espera em Deus, pois ainda o louvarei, a ele, meu auxílio e Deus meu” (Salmos 43:5b).

Nesta lição, apresentei várias sugestões de como sobreviver à tempestade: 1) Espere a possibilidade de uma tempestade — assim, ela não o pegará de surpresa. 2) Expresse verbalmente as promessas de Deus — assim, a tempestade não o surpreenderá despreparado. 3) Mostre a presença de Deus — assim, a tempestade não o pegará desprotegido. 4) Execute o plano de Deus — assim, a tempestade não fará de você um desobediente. 5) Experimente a paz de Deus — assim, a tempestade não o deixará sem recompensa.

O segredo da sobrevivência é manter a fé em Deus — o tipo de fé expressa por Paulo:

Porque, esta mesma noite, um anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo, esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas!... Portanto, senhores, tende bom ânimo! Pois eu confio em Deus que sucederá do modo por que me foi dito (27:23–25).

Aconteceu do modo por que foi dito a Paulo? Pense nas 276 pessoas se aquecendo junto à

fogueira na praia e como Deus cumpre Suas promessas! Elas sobreviveram àquela tempestade, e você pode sobreviver à sua tempestade! Transcreva as seguintes palavras no seu coração: “Eu confio em Deus que sucederá do modo por que me foi dito”. Com esse tipo de fé, você pode sobreviver a qualquer tempestade!²⁸ ❖

NOTAS SOBRE RECURSOS VISUAIS

Esta lição ilustra a relação entre a graça de Deus e a responsabilidade do homem: Deus “deu” a Paulo cada um dos que estavam a bordo, mas o apóstolo ainda precisou fazer o que pôde para garantir que chegassem seguros à praia. Se você mora numa região onde se usam cheques bancários, aqui está uma ilustração visual que você pode querer utilizar: mostre um cheque em branco para a classe. Peça que cada aluno suponha que você tenha preenchido o cheque para ele, *dando-lhe* uma grande soma de dinheiro (pelo qual ele não trabalhou). Todavia, depois de receber o cheque, cada um precisa descontá-lo para usar o dinheiro e desfrutar do presente. Da mesma forma, a salvação é um presente; mas precisamos obedecer a Deus (fazendo o que pudermos) para nos apropriarmos desse presente.

²⁸Se esta lição for usada como sermão, o convite pode retomar a sugestão número quatro: “Execute o plano”. O “plano” de Deus para o pecador alienado é crer, arrepender-se e ser batizado (Marcos 16:15, 16; Atos 2:38).

Tornando-se um Membro da Igreja do Senhor

P: Como as pessoas se tornavam membros da igreja do Senhor, no primeiro século, e como *nós* podemos nos tornar membros da Sua igreja hoje?

R: A igreja é o corpo de pessoas salvas pelo sangue de Cristo. Portanto, ela compõe-se apenas de pessoas pecadoras, perdidas, que se apropriaram da graça de Deus. Os bebês, então, não precisam da igreja. Os bebês e as crianças pequenas são *salvos*; não têm necessidade de serem *salvos* (Mateus 18:3). Mas quando alguém tem idade suficiente para reconhecer o pecado como uma rebelião contra Deus, peca (Romanos 3:23) e precisa de salvação. Cristo morreu para salvar o pecador (1 Coríntios 15:3), mas o que o pecador precisa fazer para se apossar do que Cristo fez? Primeiro, ele precisa aprender de Cristo (João 6:45; Mateus 28:18–20). Isto produz uma fé em seu coração (Romanos 10:17) e uma confiança em Cristo que o fazem confessar Jesus como o Filho de Deus diante dos outros (Romanos 10:9, 10). Essa fé deve produzir arrependimento (Atos 2:37, 38) e levá-lo ao batismo (Marcos 16:16), que é um sepultamento (Romanos 6:3, 4) em água (Atos 10:47). No dia em que a igreja foi estabelecida, os que tomaram esses passos foram acrescentados pelo Senhor à igreja (Atos 2:38, 41, 47). Em 1 Coríntios 12:13, Paulo enfatiza que aqueles que são guiados pelos ensinamentos do Espírito são “batizados em um só corpo”, que é a igreja (Colossenses 1:18). Uma vez que a igreja é o corpo dos salvos, aquilo que torna a pessoa membro da igreja também a salva, e aquilo que a salva a torna membro da igreja!